

O MITO E A RACIONALIDADE CIENTÍFICO-TECNOLÓGICA

MARIA GABRIELA GAMA*

RESUMO

Procuramos, ainda que de modo sucinto, estabelecer uma relação entre o mito e a racionalidade científico-tecnológica.

O mito não é um monopólio do homem primitivo. À medida que a investigação progride, o homem primitivo situa-se cada vez mais perto do homem civilizado, onde emotividade e racionalidade coexistem. A função mitificadora persiste no homem de hoje, para a qual tem contribuído a evolução da ciência e da técnica. Sob a aparência do bem-estar social e do aumento do consumo, para os quais é imprescindível o desenvolvimento científico-tecnológico, justifica-se o controlo totalitário do sistema, onde o homem é o próprio objecto desse mesmo sistema.

Tornando-se num sujeito alienado de uma sociedade de consumo, o homem deixa de se assumir na sua racionalidade crítica e passa a ver-se como um objecto entre os objectos onde ele se vê e se revê nos outros como coisas, cujos comportamentos são estereotipados e unidimensionais.

A ciência e a técnica deram origem a novos mitos na sociedade de consumo. Este modelo de sociedade preconiza uma dupla perspectiva orientada quer para o aumento da produção quer para o consumo. Baudrillard, no livro *A Sociedade de Consumo*, afirma: "Vivemos a era dos objectos e existimos segundo o seu ritmo e em conformidade com a sua sucessão permanente e vêmo-los nascer, produzir-se e morrer, ao passo que

* Assistente do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho. E-mail: mgama@ics.uminho.pt

em civilizações anteriores eram os objectos, instrumentos ou monumentos que sobreviviam às gerações humanas.”¹

Sob a aparência de um bem-estar social e de um aumento de consumo, para os quais é imprescindível o desenvolvimento científico-tecnológico, impõe-se o controlo totalitário do sistema, onde o homem é agora o próprio objecto dos mecanismos desse mesmo sistema.

“Em virtude da maneira como está organizada a sua base tecnológica” — refere H. Marcuse, na obra *O homem unidimensional* — “a sociedade industrial contemporânea tende a ser totalitária. Porque não é só «totalitária» uma coordenação política terrorista da sociedade, mas também uma coordenação técnico-económica não-terrorista que opera através da manipulação das necessidades por interesses criados, impedindo portanto o surgimento de uma oposição efectiva contra o todo.”²

A razão tecnológica e científica que tinha a pretensão de dessacralizar o real vai explorar outras formas de sagrado, vai gerar novas mitologias. É da própria racionalidade tecnocrática que irão brotar o mito e as novas formas do sagrado. Nesta linha de pensamento, é inequívoco afirmarmos que, apesar das grandes revoluções científicas e tecnológicas que se vão operando, continuamos a assistir e a vivenciar formas ou modelos míticos de comportamento. Tomemos o exemplo colhido em Roland Barthes, na sua obra *Mitologias*: “O novo Citroën cai manifestamente do céu, na medida em que se apresenta, antes do mais, como um objecto *superlativo*. É preciso não esquecer que o objecto é o melhor mensageiro do sobrenatural: há facilmente no objecto, ao mesmo tempo, uma perfeição e uma ausência de origem, um acabamento e um brilho, uma transformação da vida em matéria (a matéria é muito mais mágica que a vida) numa palavra, num *silêncio* que pertence à ordem do maravilhoso. A *Déesse* tem todas as características (o público começa pelo menos por atribuir-lhas unanimemente) de um destes objectos vindo de outro universo, que alimentaram a neomania do séc. XVIII e a nossa ficção científica: a *Déesse* é antes de mais um novo *Nautilus*.”³

A produção de mitos está generalizada na sociedade de hoje. À semelhança do homem primitivo, o homem contemporâneo transfere para os objectos e imagens as suas aspirações, sejam estas de cariz consciente ou inconsciente. Baudrillard afirma: “(...) é o *pensamento mágico* que governa o consumo, é uma mentalidade sensível ao miraculoso que rege a vida quotidiana, é a mentalidade primitiva, no sentido em que foi defendida

¹ BAUDRILLARD, Jean, *A Sociedade de Consumo*, Edições 70, Lisboa, 1995, pp. 15-16

² MARCUSE, Herbert, *El hombre unidimensional*, Editorial Ariel, Barcelona, 1994, p.33.

³ BARTHES, Roland, *Mitologias*, Círculo de Leitores, s. l., 1987, p. 164.

como baseada na crença na onipotência dos pensamentos: no caso presente, trata-se da crença na onipotência dos *signos* da felicidade. (...)

Na prática quotidiana, os benefícios do consumo não se vivem como fruto do trabalho ou de processos de produção; vivem-se como milagres. (...) apesar da abundância se tornar quotidiana e banal, continua a viver-se como milagre diário, na medida em que se revela, não como produzida, arrancada e conquistada, no termo de um esforço histórico e social, mas como *dispensada* por uma instância mitológica benéfica, de que somos herdeiros legítimos: a Técnica, o Progresso, o Crescimento, etc.”⁴

Sendo o mito um primeiro esboço de inteligibilização das coisas, é sobretudo uma defesa originada pela angústia e pela incerteza perante a natureza que se apresenta ao homem como múltipla e diversa, inconstante e desordenada. Então, a função do mito é a de ser uma primeira tentativa de unir numa visão global dos acontecimentos desorganizados do mundo.

Face a uma visão desordenada, caótica da natureza, o homem primitivo sentiu necessidade de encontrar uma ordem e um significado. O mito surge, assim, da necessidade de encontrar uma resposta para o problema do sentido do real. Como nos diz G. Gusdorf na sua obra *Mythe et Métaphysique*: “A conversão da existência exige a prossecução de um equilíbrio frágil e ameaçado, cuja menor ruptura impõe severas penalidades. Insegurança ontológica, geradora de angústia, como se a própria vida do homem correspondesse a uma transgressão da ordem natural. No seio desta primeira existência, presa do mundo, o mito afirma-se como uma conduta de regresso à ordem. Intervém como protótipo de equilíbrio do universo, como formulário de reintegração.”⁵

O homem primitivo entendia a realidade como um todo, como um imenso ser vivo, numa solidariedade total e indistinta entre todas as coisas: daqui resulta, como sabemos, o animismo e o antropomorfismo. Além de todas as coisas participarem do todo, participam também do sagrado. O homem de consciência mítica sacralizou a realidade; através do mito ele narra o processo da criação de todas as coisas fazendo intervir a acção decisiva dos deuses.

O sagrado é o divino, o misterioso, mas é também o que provoca o medo e o terror. Como nos diz Mircea Eliade na sua obra *O Sagrado e o Profano*: “Dizer um mito, é proclamar o que se passou *ab origine*. Uma vez «dito», quer dizer revelado, o mito torna-se verdade apodíctica: funda a verdade absoluta. (...) O mito proclama a aparição de uma nova «situação» cósmica ou de um acontecimento primordial. Portanto, é sempre a narração de uma «criação»: conta-se como é que qualquer coisa foi efectuada,

⁴ BAUDRILLARD, Jean, *op. cit.* pp. 21-23

⁵ GUSDORF, Georges, *Mythe et Métaphysique*, Flammarion, Paris, 1953, pp. 12-13.

começou a ser. É por isso que o mito é solidário da ontologia: só fala da realidade, do que aconteceu realmente, do que se manifestou plenamente. (...) É sobretudo este aspecto do mito que convém sublinhar: o mito revela a sacralidade absoluta, porque conta a actividade criadora dos deuses, desvenda a sacralidade das obras deles. Por outros termos, o mito descreve as diversas e por vezes dramáticas irrupções do sagrado no mundo.”⁶

Mas o mito não surge apenas como uma primeira tentativa de unir numa visão global os acontecimentos desorganizados do mundo, não é apenas uma forma de compreensão, mas é também uma norma de acção. O mito actualiza-se no rito em que o sagrado intervém nos actos do quotidiano, pois só este é capaz de conferir realidade e sentido ao mundo profano.

Todos os actos humanos só têm valor e eficácia se forem repetições das acções originais dos deuses. Os actos sagrados são os únicos que podem conferir sentido e valorizar os gestos, as acções e as normas que regem as relações sociais e que são, deste modo, legitimados através da intervenção do sagrado. Ainda Mircea Eliade na obra *Mito do Eterno Retorno*: “Um objecto ou uma acção adquirem um valor e, desde modo, tornam-se reais, porque de qualquer forma participam de uma realidade que os transcende. (...)”

Em todos os actos do seu comportamento consciente, o «primitivo», o homem arcaico apenas conhece os actos que já foram vividos anteriormente por outro, um outro que não era um homem. Tudo o que ele faz já foi feito. A sua vida é uma repetição ininterrupta de gestos inaugurados por outros.

Esta repetição consciente de gestos paradigmáticos determinados revela uma ontologia original. O produto da natureza ou o objecto fabricado pela indústria só encontram a sua realidade e identidade na medida em que participam numa realidade transcendente.

O gesto só adquire significado, realidade, na medida em que retoma uma acção primordial”⁷.

O mito é uma narrativa real, indiscutível e indubitável e constitui uma verdade absoluta, «apodíctica», uma vez que fala do que realmente aconteceu no tempo original e que deverá servir de modelo aos actos humanos: estes actos só têm valor e eficácia na medida em que são repetições das acções originais dos deuses. Consideremos ainda o que nos diz Mircea Eliade: “Toda a criação brota de uma plenitude. Os deuses criam por um excesso de poder, por um transbordar de energia. A criação faz-se por um acréscimo de substância ontológica. É a razão por que o mito, que conta

⁶ ELIADE, Mircea, *O Sagrado e o Profano*, LBL, Lisboa, s. d., pp. 107-109.

⁷ ELIADE, Mircea, *Mito do Eterno Retorno*, Edições 70, Lisboa, 1981, pp. 18-19.

esta ontofania sagrada, esta manifestação vitoriosa de uma plenitude de ser, se torna o modelo exemplar de todas as actividades humanas.”⁸

Como já referimos, o homem primitivo actua sobre a natureza através de ritos; nestas cerimónias tenta recriar-se o acontecimento original que ocorreu no tempo inicial; além disso, através dos ritos procura-se ainda atrair a simpatia dos deuses sobre o mundo. Por outras palavras, podemos dizer que, paralelamente a uma explicação sobrenatural das coisas, constrói-se todo um ritual imitativo que irá caracterizar um processo de acção mágica. Nos actos mágicos, o homem primitivo imita a realização daquilo que deseja, na crença de que através desse modo é possível obrigar a natureza a fazer o que dela se espera; imitam-se e repetem-se os gestos dos deuses, tornando-se este ritual mimético o garante do sucesso.

O mito narra a maneira como o homem vê o mundo. O real é uma totalidade vivida. O real não se distingue do subjectivamente vivido nas sensações, nas emoções, na imaginação. Na narração mítica, os elementos explicativos estão intimamente associados aos elementos que resultam da experiência imediata. É uma mentalidade sincrética, isto é, homem e natureza fazem parte de um todo indissociável. O mundo do homem primitivo é um mundo concreto, cheio de ressonâncias afectivas intrinsecamente dramático uma vez que na realidade chocam entre si forças antagónicas.

No entanto, o mito sendo uma forma de explicação é simultaneamente uma forma de orientação existencial uma vez que estabelece uma estrutura em relação à qual o homem se situa.

Ao desenhar um bisonte com setas espetadas no seu dorso, desenho esse que ornamentava as paredes das cavernas, o homem primitivo acreditava ser possível abater o animal através da posse da imagem. Também no mundo de hoje o automóvel e o telemóvel, por exemplo, são a referência do estatuto social e económico daqueles que o possuem.

O automóvel, o telemóvel tornam-se símbolos do estatuto social daqueles que o possuem não apenas por uma propensão mítica, mas porque o homem é catequisado, conduzido e acirrado por uma sociedade tecnológica cuja dialéctica consiste na produção e consumo cada vez mais acentuados. Os mecanismos de produção e consumo passam a funcionar como processos sub-reptícios de integração e dominação do homem, onde tudo está padronizado, uniformizado segundo as normas comuns características de uma racionalidade tecnológica direccionada para o consumo, para o supérfluo transformado em necessidade.

⁸ *Idem, O Sagrado e o Profano, op. cit., p. 110.*

Vem a propósito a reflexão de Herbert Marcuse na sua obra *O homem unidimensional*: “Encontramo-nos de novo perante um dos aspectos mais perturbadores de civilização industrial avançada: o carácter racional da sua irracionalidade. A sua produtividade e eficiência, a sua capacidade de incrementar e difundir as comodidades, de converter o supérfluo em necessário, a destruição em construção, o grau em que esta civilização transforma o mundo-objecto em extensão da mente e o corpo do homem torna-se sujeito da noção de alienação. As pessoas reconhecem-se nas suas mercadorias; encontram a sua alma no seu automóvel, no seu aparelho de alta fidelidade, na sua casa, no seu equipamento de cozinha. O mecanismo que une o indivíduo à sociedade mudou, e o controlo social enraizou-se nas novas necessidades que produziu.”⁹ Desta forma, surge o «homem unidimensional» de que nos fala Marcuse, numa sociedade onde a razão científico-tecnológica direccionada para um consumo cada vez mais desenfreado impera. O homem produtor desta sociedade é, simultaneamente, o seu objecto; a «máquina desejante» de que nos fala Deleuze na obra *O Anti-Édipo*: “Desfeita a unidade estrutural da máquina, deposta a unidade pessoal e específica do ser vivo, a máquina e o desejo aparecem directamente ligados, a máquina introduz-se no desejo, a máquina é desejante e o desejo, maquinado. Não é o desejo que está no sujeito, mas a máquina que está no desejo — e o sujeito residual está do outro lado, ao lado da máquina, sobre todo o contorno, parasita da máquina, acessório do desejo vértebro-maquinado”¹⁰

O homem, transformado em máquina de consumo, é também controlado e programado tornando-se num sujeito alienado da «máquina desejante» de uma sociedade de consumo onde predominam comportamentos padronizados, uniformizados característicos das sociedades industriais avançadas.

Tudo é produção, tudo é consumo. Segundo Deleuze, “(...) não há esferas ou circuitos relativamente independentes: a produção é imediatamente consumo e registo, o consumo e o registo determinam directamente a produção, mas determinam-na no seio da própria produção. De tal modo que tudo é produção: *produção de produções*, de acções e de reacções, de distribuições e de pontos de referência; *produção de consumos* (...). Tudo é produção: os registos são imediatamente consumidos, destruídos, e os consumos directamente reproduzidos.”¹¹

⁹ MARCUSE, Herbert, *op. cit.*, p. 39.

¹⁰ DELEUZE, Gilles, *O Anti-Édipo — Capitalismo e Esquizofrenia*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1966. p. 297

¹¹ DELEUZE, Gilles, *Ibidem*, pp. 9-10.

O sujeito é assim reduzido a um mero objecto, traduzido por uma dialéctica de produção-consumo e consumo-produção, não lhe permitindo assumir-se na sua verdadeira dimensão. Este sujeito passivo, perdido num mundo de coisas em que ele próprio se coisifica, é um ser alienado no universo da produção e consumo.

A sociedade de consumo é efectivamente uma sociedade onde tudo está organizado e controlado. As pseudonecessidades estão estreitamente ligadas à produção e ao consumo onde a fabricação de mitos funciona como elemento estabilizador do indivíduo.

Baudrillard alerta-nos: “Chegámos ao ponto em que o «consumo» invade toda a vida, em que todas as actividades se encadeiam do mesmo modo combinatório, em que o canal das satisfações se encontra previamente traçado, hora a hora, em que o «envolvimento» é total, inteiramente climatizado, organizado, culturalizado.”¹²

Quando o sujeito se deixa de assumir na sua dimensão crítica torna-se na “máquina desejan-te” de uma sociedade direccionada para o consumo, olhando o homem como um mero objecto entre outros objectos, onde o mesmo se vê e se revê nos outros como coisas, cujos comportamentos são esteriotipados, unidimensionais.

Cabe ao sujeito recusar-se à «domesticação» e assumir-se como problematizador do real, mesmo sabendo que se arrisca a processos de marginalização. Ocorre-nos, a propósito, citar Sartre: “Estamos sós e sem desculpas. É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si próprio, e no entanto livre, porque, uma vez lançado no mundo, é responsável por tudo quanto fizer”.

Em jeito de conclusão, podemos dizer que enquanto o mito tinha para o homem primitivo uma função estruturante, no mundo de hoje, pelo contrário, tem uma função desestruturante. Esta racionalidade tecnocrática reapropria-se de uma certa capacidade de produzir sentido através de novos mitos.

¹² BAUDRILLARD, Jean, *op. cit.* p. 19.

BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland, *Mitologias*, trad. por José-Augusto Seabra, Círculo de Leitores, s. l., 1987.
- BAUDRILLARD, Jean, *A Sociedade de Consumo*, trad. por Artur Morão, Edições 70, Lisboa, 1995.
- DELEUZE, Gilles, *O Anti-Édipo — Capitalismo e Esquizofrenia*, trad. por Joana Moraes Varela e Manuel Carrilho, Assírio & Alvim, Lisboa, 1966.
- ELIADE, Mircea, *Mito do Eterno Retorno*, Edições 70, Lisboa, 1981.
- ELIADE, Mircea, *O Sagrado e o Profano*, LBL, Lisboa, s. d.
- GUSDORF, Georges, *Mythe et Métaphysique*, Flammarion, Paris, 1953.
- MARCUSE, Herbert, *El hombre unidimensional*, trad. por António Elorza, Editorial Ariel, Barcelona, 1994.